

êxodo  
the ravenhood – livro dois  
kate stewart

Tradução de Teresa Martins de Carvalho

SEGUNDA  
PARTE

# ENTÃO





## Capítulo

# UM



— *TU ÉS O FRANCÊS.*

Ele responde com um ténue baixar de queixo. O seu olhar hostil abraçando-me a pele com desprezo. — Importas-te de desligar essa porra desse cartão de visita? — Cada uma das suas palavras enrolada pela cerrada cadência estrangeira, confirmando que nisso acertei, relativamente a ele.

Dominic raramente, se alguma vez, falava francês, o que levantou as minhas suspeitas quanto à alcunha. Mas o homem postado diante de mim, e todo o seu ar, encaixam.

Uma gota de suor desliza-lhe pela têmpora enquanto o absorvo. Cumprimentos ao alfaiate que o camuflou num fato digno de um rei. Cinge-se a ele, a definição de pura masculinidade. Conquanto a sua expressão seja hostil, é o seu rosto que me deixa a lutar por palavras enquanto a minha língua fica seca. Este é, sem dúvida, o homem mais belo em que jamais poisei os olhos. Siderada, nada mais posso fazer que absorver a espessa, retinta cor do seu cabelo penteado para trás em largas ondas, nem uma fora do lugar. O bem definido contorno do maxilar envolve-lhe o imaculado rosto bronzeado. Sob as espessas sobrancelhas aladas, um natural contorno negro de espessas pestanas, que realçam a mescla de chamas laranja-amareladas dançando pelo meu perfil abaixo. O seu nariz dominante largo, comprido e inflado pelo dilatar das narinas. A sua boca, mais uma evidência de que o seu criador não teve pressa, os lábios lascivos de uma perfeição simétrica. Mas é a raiva que os seus poros destilam que me faz travar uma batalha pela presença de espírito que a sua inesperada aparição me está a roubar.

Ele é o demónio que supostamente nunca deveremos conhecer, vestido de *Armani*.

E uma clara ameaça para mim.

Arrebatando o controlo remoto da mesa ao meu lado, carrego furiosamente na tecla do volume, falando atabalhoadamente, enquanto procuro a parte de cima do meu biquíni. — Não... s-sabia que era você. N-não sabia que *havia* um você.

— Não era suposto saberes. — O seu tom é ácido, derramando-se-lhe dos lábios para o fundo da minha garganta, tornando-me difícil respirar.

*Que porra de sereia que és, Cecelia.*

Relanceio o espaço à minha volta, procurando em vão a parte de cima do biquíni antes de cruzar os braços sobre o peito, com o rosto a arder de humilhação. — Então para quê dignar-se dar-me a conhecer a sua existência agora?

— Porque, aparentemente, não posso fazer nada sem que aqueles dois imbecis não metam as pilas à frente dos cérebros, à conta... — Os lábios recolhem-se mostrando os dentes. Caninos afiados como presas aparecem devido ao seu... rosnar?

— Do inimigo? — Abano a cabeça. — Eu não sou sua inimiga.

O seu maxilar tremula, o olhar atulhado de julgamento. — Não, tu apenas beneficias do dinheiro imundo do papá.

— Oh, bom, daí a expressão de nojo nos seus olhos. Estava preocupada que fosse outra coisa.

— Eu não fodo rapariguinhas — replica ele, o sotaque ajudando à condenação. — E estou plenamente ciente de que andas a foder os meus homens.

Dói, mas não me encolho. — Só dois deles, e, do meu ponto de vista, parece que você poderia beneficiar de um pouco de diversão também. Está horrivelmente tenso.

Irrefutavelmente irritado, ele enfia as mãos nas calças. — Que porra queres tu?

— Quero respostas. *Quero* saber que o meu pai está a salvo.

— Não posso garantir isso.

— Mas não será *você* a fazer-lhe mal?

A sua hesitação mais arrepios me dá.

— Fisicamente, não. De qualquer outra forma que importe, sim.

— E eu?

— Tu não fazes parte disto.

— Agora faço.

— Não, não fazes. Certifiquei-me disso. — A sua presunçosa resposta trespassa-me com um raio de compreensão.

— Você é a razão... *foi você* que os fez livrarem-se de mim.

As palavras de Dom há apenas uns dias põem-me as engrenagens a funcionar.

«*Estávamos a tentar provar algo, e falhámos miseravelmente.*»

Alguém do encontro lhe fez chegar a mensagem de que eu estava aqui. Porque este homem diante de mim é o *alguém* a quem eles respondem.

O silêncio perdura entre nós até o hostil estranho falar. — Supostamente, tu nunca deverias estar aqui.

— Você sabia de mim. Vocês todos sabiam de mim. — Claro que sabiam. A regra número um é conhecermos o nosso inimigo e as suas fraquezas. Mas, para eles, eu era uma filha distante e não representava perigo algum para os seus planos — mais uma das razões por que Sean estava hesitante em levar-me para o grupo.

— Quem é você exatamente?

Silêncio.

— Então porquê aparecer aqui, *agora*, e falar comigo?

Ele permanece mudo enquanto eu cismo.

«*Alguém não soube guardar segredo.*»

Alguém de um dos capítulos lho reportara, e por isso Sean e Dominic fizeram o que fizeram. Estavam a tentar provar uma coisa aos presentes na garagem — na noite em que me ostracizaram — e, simultaneamente, a passar a mensagem para o homem que me fulmina com o olhar. Para me protegerem.

Clique. Clique. Clique.

— Por isso, *eu* era o segredo — sussurro. — Você não sabia que eu vinha. Sabia que o Roman e eu não nos relacionávamos. — Os seus olhos lampejam enquanto um sorriso presunçoso desponta nos meus lábios.

É claro agora porque está ele tão zangado. — Não contou nunca que eu aparecesse aqui porque se tratou de uma decisão de último minuto. Eu esgueirei-me pelas frestas, e eles esconderam-me de si. — Sou percorrida por um pequeno estremecimento de excitação. — *Você* não sabe tudo. Qual é a sensação?

Ele dá um ameaçador passo em frente. — Estás fora do teu pé de formas que jamais compreenderás, e precisas de largar o papel de rapariga durona e falar *realmente* comigo pois só te dou dois minutos.

E eu assim faço. Deixo-me de quaisquer fingimentos pois luto por algo mais que o meu orgulho. — Eu não sou a pessoa desprezível que você está a fazer de mim.

— A minha opinião a teu respeito não interessa.

— Eu acho que interessa. Acho que interessa e muito. Você está a impedir-me de...

— Podes encontrar outro qualquer que te foda, Cecelia. — O meu nome soa abominável saído dos seus lábios grossos. Ele considera-me uma ameaça, um espinho no seu flanco de besta, e mais que definitivamente um parafuso solto na sua bem oleada máquina. Mas eu esgueirei-me pelas frestas, devido ao meu hiato de oito anos, e eles esconderam-me dele.

E não posso evitar o estremecimento de excitação que me percorre com esse pensamento.

— Você pode odiá-lo, pode odiar o meu pai, mas neste momento está a agir exatamente como ele, como uma máquina. Um maníaco do controlo destituído de humanidade com um complexo de Deus.

As narinas dele dilatam-se. — Tonto aí.

— Ou o quê?

Ele eleva-se bem alto acima de mim, os olhos cintilando num aviso. — Não me queiras lixar.

— Não está já lixado? E quem diabo é *você* para me dizer para ter tento? Pode ter a maior parte das cartas, mas faltam-lhe as minhas. Seria do seu melhor interesse ser simpático se é que quer a minha cooperação, o meu silêncio.

Ele não responde, mas a mudança resoluta na sua postura é suficiente.

Foram exatamente as palavras que não me deveriam ter saído da boca. Não sou de todo digna de confiança agora que as proferi. Traí Sean e Dominic ao alinhar na agenda deste cretino. Ele está a tentar descobrir brechas em tudo, dar a volta a isto para lhes provar que cometeram um erro ao confiarem em mim. Dominic haveria de ficar tão desapontado.

As palavras de Dominic para Sean no dia em que saí tomada de fúria lá de casa irrompem à superfície.

«*Ela não o tem.*»

«*Dá-lhe algum tempo.*»

Tudo e mais alguma coisa, as provações que me fizeram passar. O enfiado p'ra cá e p'ra lá entre mim e Dominic. Todo o tempo que Sean passou a ensinar-me aquilo em que acreditava, aquilo em que a irmandade acreditava enquanto Dominic me provocava, distorcia as minhas palavras.

Desde a altura em que decidiram deixar-me entrar, têm-me vindo a preparar para uma confrontação exatamente como esta. E teve *tudo* a ver com o homem postado diante de mim. À medida que nos apaixonávamos, eles iam-me preparando para a tempestade de merda que é *O Francês*. O seu regresso era inevitável.

— Eu consigo guardar um segredo. Apenas quero saber qual é o plano.

— Só porque aqui estás, não quer dizer que tenhas um papel a desempenhar. *Eles* tomaram uma má decisão, e *eles* sabem-no, e o facto de os foderes não te dá voto na matéria. E eu sei que tu não contarás a ninguém — diz ele com convicção —, mas pelas razões erradas.

— Erradas como?

— Porque se trata da tua lealdade para com eles — espeta o queixo na direção da floresta — e da tua incapacidade de separares os teus sentimentos pessoais, em vez de abraçares a ideia de que o Roman fez algumas coisas imperdoáveis e merece pagar por isso. Portanto, simplesmente esquece, tal como *eles esqueceram*, e... vive a tua vida.

— Isso é uma ordem?

— Não, é um bom conselho — respinga ele —, devias aceitá-lo. — Estou a mexer com ele, o que eu consideraria uma boa coisa se não estivesse à sua mercê.

— Eu só quero vê-los.

— Não vai acontecer.

— Eu não sou uma menina do papá que está danada por ter perdido os companheiros de brincadeira. Fale com eles. Eles hão de falar-lhe de mim. Atestarão o meu caráter.

Os olhos dele trespassam-me de repulsa. — Eu sei o suficiente.

Deixo cair os braços, desnudando-me para o despeitar. Não o deixarei envergonhar-me por algo de que nada sabe ou fazer-me sentir desconfortável na pele em que passei um verão a crescer. O meu esforço passa despercebido quando os seus olhos permanecem pregados nos meus. Fitamo-nos de lados opostos da linha que ele traçou entre nós.

— Vai mesmo fazer isto?

— Nós vivemos em realidades diferentes, e tu nasceste do teu lado das coisas. Até posso não te guardar rancor por isso se deixares p'ra lá. A ignorância é verdadeiramente uma bênção no teu caso, Cecelia. Far-te-ia bem lembrares-te disso.

— Ainda que estejamos afastados, que estamos, não o quero magoado. Se me puder prometer a segurança do meu pai, posso ajudá-lo.

— Não prometo nada. Ele tem uma data de inimigos que nada têm a ver connosco. São negócios.

— Não para mim.

— Problema teu.

— Então, que raio devo eu supostamente fazer?

Ele vira-se na direção da floresta, descartando-me. — Vai arranjar as unhas.

Ultrajada, levo a mão a seja o que for, apanhando o frasco de bronzeador, e arremesso-o contra ele. Atinge-o em cheio nas costas. Ele gira direito a mim, e eu solto um ganido, recuando para a minha cadeira até cair de rabo. Ele levanta-me bruscamente pelo braço. O que se passa entre nós não é química, é um fogo incandescente cheio de ódio e ressentimento, e um rancor que nada tem que ver comigo. Este homem não é de insinuações vagas. Ele abomina a minha existência.

— Da próxima vez que me foderes, também te fodo. — O seu olhar âmbar lambe-me o peito de fogo antes de me apertar com mais força. Sustenho o meu choramingar na língua.

— Está a cometer um erro. Você empreendeu uma guerra contra pessoas iguais a *mim*. Como a minha mãe. O Sean e o Dominic são meus amigos acima de *seja o que for*, e eu quero ajudá-los. Eles têm-lhe sido leais. Eu nem sequer o seu nome sei! Pode odiar o Roman, mas eu sou inocente nisto. Nada sabia. Ainda não sei.

— *Eras* inocente nisto, mas não serás se continuares a pressionar. És um alvo demasiado fácil. — O seu insulto atinge-me profundamente ao polvilhar de sal as minhas feridas. — Tu és demasiado nova e demasiado ingénua. Acreditaste em cada palavra que eles te disseram, e, neste ponto, precisas de aceitar que eles já sacaram o que precisavam de ti.

Acesso. Eu fui um meio de obter acesso. Sinto um baque no estômago ao recordar o dia em que Sean voltou depois da nossa briga com um pronto pedido de desculpas. Dominic entrou em minha casa pouco tempo depois enquanto Sean me distraía. Posso ser uma tola, mas...

— Eu *não* sou uma puta.

— É com a tua consciência que lutas, não a *minha*.

Mas, depois desse dia, tudo mudou. Talvez antes fosse um alvo, mas depois fui uma decisão. Eles deixaram-me entrar no seu mundo porque me queriam lá. Estou certa disso. Sean assim o confessou. Correu um enorme risco ao levar-me para lá. Dormir comigo era dormir com o inimigo, porem-me a par de segredos mantinha-me amarrada a eles,

e ficarem comigo significava arriscarem a sua credibilidade e estatuto na irmandade.

Se alguma vez precisei de uma prova dos sentimentos deles, tenho-a agora.

— Eu gosto deles. *Profundamente*. Simplesmente, deixe-me fazer a minha parte.

— Se isso é verdade, deixa de ser tão porra de egoísta. Eles estão satisfeitos por abrirem mão de ti, e tu precisas de ser uma mulherzinha e fazer o mesmo.

— Não me pode manter longe deles!

— Sabes que posso. Cada porta a que bateres não se abrirá. Ninguém se aproximará de ti. A partir deste momento, agora mesmo... já não existes. E nunca exististe.

Uma fúria como jamais experimentei assola-me quando cuspo o meu veneno.

— Vai-te foder, seu monte de merda e cabrão filho da puta aspirante a robin dos bosques! — Liberto o braço com um safanão e ele larga-me. — Põe-te a andar daqui!

Ele recua, deslizando as mãos gigantescas para os bolsos das calças, olhos em chamas, voz de gelo polar. — É por isto exatamente que não te quero nem perto de nós.

Levanto uma mão. — Por favor, está a usar o facto de eu ter o período como desculpa para me erradicar da sua tribo? Você e o seu grupo de justiceiros são supostamente os bons samaritanos, certo? Nós, supostamente, deveremos estar gratas ao vosso sórdido círculo de pilas? — Bufo. — Bem, permita que lhe agradeça em nome de todas nós, predadoras armadas de ratas — exagero uma vénia —, *muitíssimo* obrigada, mas, mais uma vez, eu não sou sua inimiga.

Ergo o queixo. — Eles confiaram em mim porque sabiam que eu estava à altura, e disso se certificaram. Confiaram em mim porque os amo, e sabiam que, *devido* a esse amor, os apoiaria. Descarte-o quanto quiser, mas é uma força motora que assegurará a minha lealdade, não a negará, e me ajudará a fazer o que for preciso para os proteger, tanto como eles a mim. *E a si.*

Com a minha confissão, uma qualquer espécie de admissão perpassa-lhe pelas feições, e, com igual rapidez, evapora-se. — Nunca foi suposto tu te envolveres.

— Mas estou envolvida agora, por isso deixe-me fazer a minha parte.

— Isso são dois minutos. — Vira-se para se encaminhar na direção da floresta, e eu falo alto porque sei que nenhum ardil me dará de volta a sua atenção.

— Eu amo-os *mesmo*. Talvez eles tenham feito merda, mas o que me deixou envolvida foi a lealdade deles *para consigo*, e a sua causa, tudo o que todos vocês, coletivamente, representam. Eles não contavam amar-me de volta, contavam usar-me, mas o facto de não terem sido capazes de me enganar a esse nível é a razão de eu estar aqui a lutar para estar lá para eles. Ainda estou zangada, mas entendo. Eles fizeram-me entender. E talvez isto nada tivesse a ver comigo, mas agora tem tudo a ver *comigo*. Por. Favor. Deixe. Me. Ajudar. — Enxugo a fraqueza dos olhos e fito-lhe as costas. Ele é magnífico e cruel, e muito longe de fosse o que fosse que eu contava enfrentar hoje. Estava a contar com o meu sol dourado ou a minha nuvem escura e fresca, e a ideia de nunca mais os tornar a ver é por demais insuportável. Estou a implorar, e não deveria estar. Deveria fazer as malas e pôr-me a andar e dizer adeus a esta vila inteira. Que se foda o meu pai e a cama que ele fez. Não temos qualquer relação, e eu podia tentar encontrar outra forma, uma forma mais segura, de cuidar da minha mãe. Mas quando o pensamento me ocorre, imagens de Sean e de Dominic e o medo do desconhecido tolhem-me. Simplesmente não consigo afastar-me. Ainda não.

— Eu acredito nisto, em tudo o que está a fazer, em tudo o que representa. Quero fazer parte. — É a absoluta verdade, mas temo ter falado demasiado tarde.

De costas viradas, ele saca do bolso a parte de cima do meu biquíni e larga-a a seu lado antes de esta cair no chão. — Pensarei nisso.

## Capítulo

# DOIS



O PRIMEIRO SINAL de friagem outonal confirma a sua decisão. E silêncio é a minha resposta. Iria sempre ser não.

Apenas se passaram umas semanas desde o meu confronto com o hostil estranho, mas é a fria secura do ar que me assola de finalidade. Foram-se as noites de verão sob as estrelas com Dom, foram-se as prolongadas caminhadas com Sean. O meu amor, afeição, lealdade e devoção nada significam.

O fim da estação marca o fim de tudo a que me afeiçoei no meu tempo aqui. Foi apenas um pouco mais de três meses, mas eu sinto a mudança em mim própria, a mudança no meu temperamento. Estou tão longe da rapariga estranha que era quando cheguei.

A minha realidade está a mudar tão rapidamente como a folhagem que me rodeia, em várias tonalidades de castanho, vermelho-escarlata e laranja. E no meu estado, não posso apreciar a beleza, apenas a mensagem.

O verão não é eterno.

Está tudo acabado.

Comecei a faculdade comunitária esta semana e atirei-me aos estudos. Os meus turnos na fábrica são mais extenuantes agora que Sean se demitiu — e fê-lo no minuto em que me deixou naquele gabinete.

Só por uma vez cedi à curiosidade e atravessei a extensão de relva nas traseiras de Roman até à clareira na floresta — apenas para me deparar com absoluto silêncio. Foram-se os bancos de piquenique, e a paisagem rapidamente começa a crescer de volta. É como se jamais tivesse acontecido. À parte a nova vegetação e o restolhar das árvores, o lugar está vazio de vida.

O meu bronzeado desvaneceu-se, e sei que perdi peso, a minha figura a

ficar escanzelada à medida que o coração me murcha, sobrevivendo apenas de memórias de meses anteriores — meses em que conceder sorrisos não era sentido como uma tarefa.

São os meus sonhos que podem por vezes trazer-me alívio. Sonhos de longas caminhadas numa névoa nebulosa, de acalorados olhares, de trovoadas e beijos cativos. É quando deles acordo que fico em carne viva, dolorida, enlutada.

Melinda tem sido um surpreendente apoio, passando turnos sem fim a pôr-me a par de tudo em Triple Falls, cuidadosamente evitando conversas acerca daqueles por quem mais anseio ouvir.

Não que ela porventura soubesse.

Sean disse que iria endireitar as coisas, mas com a pretensão de o fazer um dia.

Um dia.

Um termo tão vago, tão aberto a interpretações que cada dia parece uma sentença.

Quanto mais dias passam, mais constato que não foi uma promessa ou garantia, mas mais uma esperança.

Todo este desgosto se deve a dois fantasmas fazerem o seu trabalho de me assombrar. Honrei o pedido de Sean. Nunca passo de carro pela garagem, nunca tento enviar mensagens a nenhum deles. De nada serve. Eles tomaram a sua decisão e declararam a sua lealdade. O nosso tempo juntos não foi suficientemente significativo. *Eu* não fui suficientemente significativa para lhes causar uma mínima alteração na agenda.

Pelo menos é assim que o silêncio deles me faz sentir.

Christy mantém a minha sanidade com longas conversas por FaceTime relativamente ao futuro. Aos nossos planos e à ideia de que daqui a um ano os retomaremos. Isso traz-me algum conforto. Isto deveria apenas, supostamente, ser um ponto de paragem. Conforme se verificou, provou ser um trampolim, mas, neste momento, não tenho lugar algum seguro onde aterrar.

Quanto mais tempo permanecem em silêncio, mais o meu coração se parte.

Flutuo para dentro e para fora dos meus dias fazendo o que posso, mas cada passo, cada tiquetaque do relógio mais me afunda, qual pedregulho em águas agitadas. Todas as manhãs, afugento os meus sonhos, determinada a guardar o meu coração, como se eles não mo tivessem já despedaçado. Mas quantas mais folhas caem, mais as peças se juntam no seu todo chocalhando-me no peito.

Fui uma tola ao pensar que sabia, anteriormente, o que era um desgosto de coração, e talvez soubesse, mas nunca antes senti que com ele perdia um pedaço de mim, até agora.

Estou à deriva na minha própria vida, vivendo apenas para memórias, para os meus sonhos, deleitando-me na mágoa sem fim, na dor da falta que eles me fazem, vacilando à beira do abismo de uma vez mais me esquecer de mim. Regressei determinada a livrar-me de maus hábitos mas não contara perdoar-lhes. Não contara que o tempo fosse um fator, que fosse a razão de abrir mão deles.

*Um dia.*

Hoje, forcei-me a sair da cama e vesti-me sem pensar, determinada a tentar passar algumas horas fora da minha cabeça. Chegada ao centro da vila, mal consigo assegurar um lugar de estacionamento antes de me juntar a hordas de locais de Triple Falls e turistas saindo dos seus carros com sorrisos antecipatórios. Melinda tem falado sem parar do festival das maçãs, e quando dobro a esquina e vasculho a praça, quase me rio.

É, quando muito, uma pobre feira de rua. Um arrasta-pé de vilória constituído por vendedores de rua a darem provas de casas de pasto locais e artistas instalados em tendas com as suas obras em exibição. Está a anos-luz de qualquer ajuntamento citadino de grande escala, mas, logo à entrada, decido que tem o seu próprio encanto. E, claro está, há maçãs, cultura e colheita local. Um rápido olhar de relance ao logotipo na faixa de uma banca do pomar em que Sean e eu nos encontrámos para o nosso piquenique de meia-noite arrasa-me. Quanto mais longe me aventuro, mais me arrependo de ter vindo, a caminhada de volta para o carro tornando-se mais tentadora a cada segundo que passa. Memórias de ser venerada entre renques de árvores selvagens vêm à superfície, sufocando-me, recordando-me de que não sou a mesma rapariga que era quando cheguei, e se calhar jamais voltarei a ser. Em vez de uma rápida retirada, deambulo para o passeio ao longo das fiadas de lojas adjacentes às tendas do festival. Sou obrigada a estacar quando uma porta se abre e um grupo de tipos saem de um estúdio de tatuagens. É quando oiço: «Eu conheço-te», que levanto o olhar e sustenho os olhos de um rosto familiar.

Levo uns segundos a recordar-me onde o vi.

— RB, sim? — Ele é mais alto do que eu uns quinze centímetros e eleva-se acima de mim com divertidos, calorosos olhos cor de mel.

— Sim — diz ele. — E tu és a miúda do Dom.

— Eu... — Atrapalho-me, tentando pensar numa resposta quando o

meu olhar se assesta na tinta não coberta de gaze que lhe espreita acima do decote — pontas de penas.

Os meus olhos arregalam-se e o sorriso de RB mais se arreganha, o seu olhar esfriando consideravelmente ao mesmo tempo que os seus lábios se retorcem em condescendência. Levanta a macia gaze branca, revelando as retintas asas negras que lhe embelezam o braço. — Calculo que seja uma boa coisa nem todos *pensarmos* como *tu*.

Siderada, tento encontrar as palavras apropriadas, toda a minha postura transbordando de mortificação. Ele viu o meu medo naquela noite, a minha hesitação, mas sobretudo viu-me fazer suposições.

— Queixo ao alto, miúda, não chores à conta disso.

Podia dar-lhe uma tonelada de desculpas. Podia mencionar que o meu medo derivava de estar em território não familiar, da inesperada aparição da arma no colo de Dom, do conciso intercâmbio entre os dois e da insinuação na sua conversa, mas nada disso serve de grande coisa. Eu presumi o pior tanto de Dominic como de RB. E não podia ter estado mais errada. — Desculpa.

Um sorriso rasgado é a sua resposta enquanto flexiona o seu pássaro com orgulho. — Acho que faz diferença quando sabes que me mantenho *ao teu lado*. A minha estima ao teu rapaz, ele viu algo em mim quando éramos *miúdos*.

Sem fala, tento não baixar a cabeça, e em vez disso ofereço-lhe o meu olhar, na esperança de que ele consiga ver a verdade, de que estou envergonhada, de que ele está certo. Uma vez mais, fui ensinada de uma forma que me deixa desconfortável, mas aprendi que essa é a única forma de se crescer. Sean ensinou-me muita coisa ao longo dos últimos meses, mas principalmente mostrou-me a beleza da humildade, e isso é tudo o que sinto quando levanto os olhos para ele.

Um dos amigos fala atrás dele, o seu braço coberto com a mesma gaze. — RB, temos de bazar, temos merdas a fazer.

Dois novos corvos.

E eu invejo-os porque onde eles vão, não me é permitido segui-los.

Avanço para o homem que se dirigiu a RB e estendo a mão. — Oi, sou a Cecelia.

Ele olha de relance para a minha mão, divertido, antes de a apertar. — Terrance.

— Prazer em conhecer-te. Parabéns.

Ele esboça um sorrisinho, mas não há como confundir o orgulho nos seus olhos. — Obrigado. Tu és a miúda do Dom?

— Sim. Bem, era. Já não estou certa disso.

Olho para RB, os meus olhos implorando aos seus, sabendo que seja para onde for que ele se dirija, vai encontrar os dois homens que eu estou desesperada para ver.

— Não estou em posição de pedir um favor, m-mas quando... os vires, quando vires... o Dominic... — Abano a cabeça, sabendo que a mensagem jamais será entregue como eu quero que seja. Não falei com ele desde que descobri a verdade sobre a morte dos seus pais e o papel do meu pai no seu encobrimento. — Deixa estar.

RB inclina a cabeça de lado, os seus olhos castanho-claros avaliando-me. — Tens a certeza?

— Já.

— Tudo bem então, vemo-nos por aí? — incita, a pergunta plena de insinuação antes de trocarmos um sorrisinho conspirador.

— Espero que sim. Um dia — digo, esperando de todo o coração que esse dia chegue. Que eu possa mais uma vez vaguear livremente entre a irmandade, um privilégio que dera por garantido.

Eles afastam-se e eu engulo o nó de remorso na minha garganta. E, uma vez mais, fica claro como água. Por mais que eu julgue saber, nada sei. Com o peito a doer, a mente às voltas, desvio-me de um transeunte só para levar com sidra derramada sobre mim. Um homem atulhado com duas criancinhas de colo sem mãe à vista pede desculpas enquanto eu limpo os pingos do braço.

— Não há problema — tranquilizo-o, descendo do passeio para a Rua Principal. Bandos de habitantes locais deslizam ao longo das fiadas sem fim de tendas de venda. Quase todos eles sorriem, bem-aventuradamente inconscientes de que uma guerra se trava. De que para além de algumas das suas árvores e parques estaduais, um grupo de homens luta por eles de modo que a economia local possa vicejar, de modo que os caçadores furtivos não lhes levem a melhor.

Quanto mais cismo nos últimos meses, mais os meus olhos se abrem para o que tem sido feito e o que está a ser feito quanto a isso. Uma parte de mim deseja poder cerrá-los, apagar o que agora sei, mas fazê-lo apagará os meus fantasmas, e eu ainda estou muito apaixonada por eles, agora mais do que nunca.

Ainda que o meu ressentimento cresça à conta da sua ausência e silêncio.

Para tudo o que eles fazem, há uma razão. Posso odiá-los pelas minhas

perguntas sem respostas, por me fazerem duvidar deles, ou posso confiar no que me revelaram, no que me imploraram para acreditar, nas suas admissões, e *neles*, antes de se terem evaporado.

Nos dias cheios de sol anseio por Sean, pelo seu sorriso, os seus braços, o seu pénis e o riso que partilhámos. Pelos seus beijos cálidos e salgados, velados de nicotina. Pelo perpassar da sua língua na minha pele. Pelas lentas piscadelas de olho com que me brindava para me dar a conhecer que sabia no que eu estava a pensar. Nos dias tempestuosos, anseio que a minha nuvem me cubra, pelos beijos que me tornavam devassa, pelo duro arremessar de uma língua tão perversa e macia, por um meio-sorriso que me ilumina por dentro. Por ovos a escorrer e café forte.

Estes homens tomaram-me sob a sua asa, ensinaram dando o exemplo, despertaram a minha sexualidade para a vida e, com isso, tornaram-se inesquecíveis. Como devo eu supostamente seguir em frente e deixar isto para trás?

Nesta altura do campeonato, nem morta consigo voltar a dormir.

As lágrimas deslizam-me pelos olhos quando começo a desmoronar nas ruas buliçosas enquanto me forço a tentar adaptar-me à realidade para a qual fui atirada de volta. Fungando como uma idiota, abro caminho através da multidão crescente diante da Câmara Municipal, onde uma banda toca num palco elevado bloqueando a entrada. Mais ou menos uma dúzia de casais, que parecem ter praticado o ano inteiro, exibem a sua habilidade de pés, movendo-se em sincronia ao dançarem na rua. Estudo o casal mais próximo de mim dançando a par e sorrindo entre si como que partilhando um segredo. E enquanto observo a sua conexão sem palavras, tudo o que sinto é inveja pois tinha isso com os dois.

Tinha isso.

E os meus segredos que para sempre estou obrigada a guardar. Jamais poderei partilhá-los. Mas guardá-los-ei pois ninguém poderia verdadeiramente entender a sua gravidade ou plenamente abarcar a sua verdade. A própria história em si soaria como um qualquer irrealista, retorcido, sexualmente provocador conto de fadas com um final infeliz, ou, pior, sem um final de todo.

Quando aqui cheguei, quis suspender a minha estrita moralidade e largar a minha castidade, vicejar entre algum caos.

Tive o meu desejo.

Deveria estar agradecida.

Mas não estou, pelo que choro.

E não posso fazê-lo aqui.

Um pé diante do outro, rompo a multidão para me afastar, afastar de tantos sorrisos, e das risadas e pessoas contentes que não fazem ideia da batalha que travo para não lhes gritar que acordem a porra de uma vez.

O que faria de mim apenas mais uma fala-barato. A ironia não me passa despercebida. Mas se eles ao menos soubessem quanto estes homens arriscam diariamente, talvez dessem ouvidos. Talvez se juntassem a eles, à sua causa.

Ou talvez sejam eles os inteligentes, conscientes da tirania mas tendo propositadamente escolhido ignorá-la. Não foi assim há tanto tempo que eu era uma feliz inconsciente.

A batalha do bem e do mal não é notícia de última hora. De facto, é difundida à vista de todos diariamente. Mas, neste ponto, até a notícia não é de fiar, frequentemente projetada de uma forma que requer que se decifre facto de ficção com uma agenda por trás. Mas nós escolhemos reconhecer o que queremos, e esta gente parece ter escolhido avisadamente. Talvez a minha resposta não seja afastar-me, mas tornar-me mais uma na multidão, diluir-me e fazer-me ignorante de tudo o que está errado neste mundo fodido, de modo a poder respirar um pouco mais facilmente, de modo a, um dia, de novo poder sorrir de despreocupação. Mas, com o correr do tempo, torna-se cada vez mais aparente que isso não passa de um desejoso pensamento, pois não posso voltar atrás.

Os homens da minha vida abriram-me os olhos à força, tornaram-me ciente da guerra por eles declarada. E sei agora que, se confrontada com a escolha, gritaria a minha decisão — *completamente a favor*. Eternamente a favor.

À margem da multidão junto de uma viela entre edifícios, a minha atenção é desviada para a banda cujo vocalista principal nos saúda, parte da estridente receção emanando do microfone antes de ele pedir desculpas. — E agora que temos a vossa atenção — solta uma gargalhadinha enquanto o som se aclara antes de fazer sinal ao baterista —, vamos começar isto à maneira. — Quando a música começa a tocar e o soar da guitarra e do baixo se faz sentir, limpo o rosto e o nariz na manga da minha fina camisola.

Sou uma trapalhada emocional na porra da rua no festival das maçãs.

Não consigo fazer isto. Ainda não.

O vocalista começa a berrar umas letras animadas e eu absorvo-as por hábito enquanto ele canta sobre estar perdido, metido em tempos difíceis, e nos encoraja a continuar a sorrir. Não consigo evitar uma irónica risada

enquanto mais uma lágrima morna me desliza pela face abaixo, e eu a enxugo com a manga.

Lá, estou fora.

*Um dia.*

Virando na direção em que estacionei, sou atraída por uma mão na minha anca. Dardejo o olhar para trás no preciso momento em que a fragrância a cedro e nicotina me envolve. Uma chocada exalação irrompe da minha boca, e tiro partido dela para inalar até mais não, derretendo-me no seu peito enquanto um bafo morno me atinge o ouvido. — Esta é boa.

A sua mão desliza para baixo para agarrar o pulso frouxo no meu flanco, e no segundo seguinte estou virada ao contrário e encostada, peito contra peito, com Sean.

— Ei, Cachorrinho.

Lágrimas frescas enchem-me os olhos enquanto o fito, boquiaberta, os seus olhos faiscantes toldando-se quando me lê a expressão.

— O que estás tu...

Antes que possa formular a pergunta, ele passa-me o braço pela cintura e entrelaça a mão livre na minha antes de nos conduzir para o limiar da multidão.

— Que diabo estás tu a fazer? — sussurro em altos gritos. Ele mete o joelho entre os meus e curva-se bem para baixo, um balanço, dois. Eu quedo-me frouxa nos seus braços enquanto ele aperta as nossas mãos entrelaçadas.

— Vá lá, Cachorrinho — implora ele quando começamos a chamar as atenções. Faz-nos balançar em perfeito ritmo, baixando e oscilando, incitando-me a fazer o mesmo. — Vá lá, bebé — incita, o seu sorriso começando a desvanecer-se ante a minha imobilidade —, dá-me um sinal de vida.

Sinto um adejar de borboletas quando ele me provoca, impossível de ignorar ao rolar para trás nos calcanhares com um sedutor menear de quadris. No passo seguinte, rendo-me, deixando-me levar pela música enquanto mergulho com ele e começo a balançar as ancas. Ele pisca-me um olho encorajador antes de dar uma rápida reviravolta, prendendo-me a mão atrás das suas costas e executando o movimento com graciosidade. Uns quantos mirones junto a nós soltam palavras de encorajamento e aclamação e um rubor sobe-me pelo pescoço acima. Mas isto é Sean, o seu superpoder, e nele se tornou exímio. Portanto, faço a única coisa que posso. Rendo-me a ele.

E então estamos a dançar, enquanto ele canta para mim. O seu físico

perfeito balança a par do rítmico baixo, enquanto uma harmónica se faz ouvir. Volteamos ao longo da rua apinhada, em passos suaves, afastando-nos em piruetas e logo graciosamente nos juntando de volta. Dançamos como se o fizéssemos há anos, não um par de meses. Um evidente orgulho brilha nos seus olhos de esmeralda ao ver-me iluminar-me por dentro. A meio da canção, a música estaca subitamente, tal como os dançarinos que nos rodeiam, e mãos elevam-se num coletivo gritar da letra, uma pausa suspensa no ar uma fração de segundo antes de toda a gente explodir de volta em movimento.

Nunca tinha ouvido a canção — mas sei que jamais a esquecerei —, a letra por demais irónica. Fala ao meu mais profundo âmagô. E eu tomo-a pelo presente que é. É aqui, na Rua Principal, que roubamos tempo e caímos de volta nos braços um do outro, e simplesmente... dançamos. Juntos, assumimos o nosso momento roubado e ignoramos o mundo caótico à nossa volta, as nossas circunstâncias, e as probabilidades todas alinhadas contra nós. E, durante esses breves minutos de verão indiano, respiro um pouco mais facilmente, e a dor atenua-se.

Nada importa senão eu e o meu sol dourado e o amor que sinto por ele. Abano ironicamente a cabeça enquanto ele nos faz desfilar, desafiador, provocando seja quem for a tentar estragar-nos o momento. É então que sei que não deixaremos, aqui ou seja onde for, que arruinem o que temos. Quando a canção termina, a multidão à nossa volta irrompe em aclamações ao mesmo tempo que ele se inclina e me toma o rosto nas suas mãos. Curva-se brevemente, a um sopro de me clamar os lábios num beijo tão sincero que a dor de que acabei de me evadir dá lugar a agonia.

Instintivamente sei, *um dia* não é hoje.

— Tenho de ir — murmura-me ele ao ouvido, as mãos arredando-me o cabelo do ombro enquanto os olhos imploram por compreensão.

— Não, por favor...

— Tem de ser. Desculpa. — Abano a cabeça e baixo o olhar quando lágrimas em compasso de espera começam a cair. Ele inclina-me o queixo para cima e busca-me os olhos, os seus tomados de devastação. — Por favor, Cachorrinho, come — passa-me o polegar pelo queixo —, dança, canta, sorri.

— Por favor, não vás. — Com uma expressão ensombrada, ele de põe-me um suave beijo nos lábios, um soluço irrompendo deles para fora, interrompendo-o demasiado cedo. — Sean, espera...

É quando ele me larga que envolvo o rosto nas palmas das mãos,

um grito agonizante irrompendo de mim para fora quando o seu calor desaparece.

Sufocando, abano a cabeça nas mãos, incapaz de suportar o claro dilacerar que me trespassa o peito. As lágrimas encharcam-me as palmas das mãos, perdida na multidão à minha volta, e sinto cada passo que ele dá para longe de mim.

Não consigo abrir mão deles. Não consigo fazer isto.

Afastando as mãos, procuro qualquer sinal da direção que ele tomou e começo a furar a crescente multidão, sem estar disposta a deixá-lo abandonar-me, sem estar disposta a deixar que esta dança seja a nossa última, pois jamais será suficiente. Sinto um aperto no coração quando o perco de vista. Giro num círculo buscando em cada direção, sendo engolida por uma turba que invade o palco. Debatendo-me através de uma multidão de corpos, começo a ficar em pânico. — Sean! — grito, olhando em cada direção antes de vislumbrar um lampejo de cabelo louro eriçado e lhe dar caça.

— Sean! — Abro caminho por entre uma família, quase derrubando um rapazinho com dedos peganhentos de maçã cristalizada. Endireito-o e peço desculpa antes de correr disparada na direção que ele tomou. Rodando em círculos, avisto um banco nas proximidades e salto-lhe para cima, passando a pente fino os passeios e as ruelas em redor.

— Não, não, não! — Sinto-me consumida de pânico quando nada vejo. Ouvidos aguçados, busco em vão até que oiço o ténue mas distinto roncar de um motor a ser ligado. Pulo na sua direção e corro por uma ruela antes de dobrar a esquina. É aí que esbarro numa parede invisível ao deparar-me com um olhar de prata. Dominic está apoiado contra o *Nova* de Sean, de braços cruzados e bebendo-me sofregamente. Sean avista-me do lado oposto do carro, lançando-me um último olhar por cima do capô antes de entrar para o lugar do condutor. O meu olhar esvoaça de volta para Dominic enquanto os seus olhos me percorrem da cabeça aos pés. Com um baque no coração, dou a medo um passo em frente, e ele sacode bruscamente a cabeça, recusando-me.

— Por favor — sussurro, sabendo que ele pode ler claramente o implorar nos meus lábios enquanto as lágrimas me caem em cascata. As emoções refletem-se nos seus olhos de prata quando ele me deixa entrar plenamente, os dedos contraindo-se-lhe nos flancos. Sei que ele quer apagar o espaço, apagar a água que se derrama entre nós.

— Por favor — imploro, incapaz de suportar a dor. — Por favor, Dom, por favor, não vás — grito-lhe. Posso sentir a luta na sua recusa quando

lentamente abana a cabeça em resposta. São os seus olhos, não a sua postura, que mais falam. No seu olhar vejo saudade, pesar e ressentimento pelas posições em que nos encontramos todos. E é o suficiente. Tem de ser.

Não imaginei o seu afeto por mim. Não imaginei um minuto que passámos juntos. Ninguém pode menosprezar ou descartar o que tivemos. Ninguém. E jamais deixarei que seja quem for mo arrebate.

Mas não obtenho tranquilizações de qualquer um deles enquanto estou ali espetada — esvaindo-me em sangue, e é isso que mais me aterroriza.

Dominic agarra no puxador atrás dele e abre a porta enquanto Sean mantém o olhar asstado em frente, seja para nos conceder este momento ou porque não consegue mais olhar para mim. Não me traz conforto nenhum. Bebo Dominic uma última vez com os olhos e deixo-o ver as minhas lágrimas, o meu amor. Cobrindo o peito com ambas as mãos, fecho os olhos e articulo silenciosamente a verdade.

— Amo-te.

É quando os abro que vejo a sua crua reação à minha confissão. Dá um passo adiante, o rosto marcado de indecisão um segundo antes de pôr fim à nossa ligação e juntar-se a Sean dentro do carro. Um alento mais e lá se vão.

É então que sei que seja qual for a batalha que travaram para me manter com eles, foi uma batalha perdida.

E «um dia» poderá jamais chegar.

## Capítulo

# TRÊS



HÁ UMA CENA num dos filmes da série *Crepúsculo* em que Bella permanece imóvel numa cadeira — crivada de desgosto — enquanto olha pela janela vendo o passar das estações diante dos seus olhos. E, na minha varanda, à medida que as árvores se despem e murcham antes de darem nova vida a mais florações, constatei que vivi as últimas três estações da minha vida mais ou menos da mesma maneira que ela ao ser abandonada por amor.

O amor pode ter cruzado o seu caminho comigo no verão passado, mas quando os primeiros flocos de neve começaram a cair no solo, foi o meu ódio que cresceu. Ódio por um homem sem nome que arrebatou uma grande parte da minha felicidade ao pôr-me num estado de exílio.

Agora, quando dolorosamente anseio por aqueles que me abandonaram, substituo-o por abominação para com o homem de olhos de fogo que deu uma ordem executiva de me manterem no meu respetivo lugar — que não é em lado nenhum.

As festas chegaram e partiram, e eu fui a casa. Passei as férias de inverno com a minha mãe e Christy, enquanto cuidava do meu coração despeçado, um coração cheio a transbordar de amor sem vivalma sobre quem o derramar. E nem por uma vez durante esse tempo me arrependi de um minuto que fosse com qualquer um deles.

Sentia-me agradecida.

Sentia-me grata.

Conhecia-me melhor devido a essa experiência com eles. Foi não só um verão mas uma estação de descoberta. Presumo que a maior parte das pessoas vivem as suas vidas jamais se explorando tão a fundo como

eu fiz. Aqueles dias de amorosos e lascivos encontros e noites que passei com os meus amantes sob um dossel verde de árvores e cintilantes estrelas reformularam-me.

À medida que os minutos, horas, dias e meses passavam, não voltei à vida. Simplesmente deixei-me levar pela corrente.

Mantive as minhas memórias por perto, até que, um dia, me forcei a começar a viver de novo. A escola era fácil, e o trabalho ficou mais fácil à medida que me fui aproximando mais da Melinda e de umas quantas outras do turno da noite. Ninguém da irmandade me falava — nenhum deles. Fosse na vila numa bomba de gasolina, ou num encontro por acaso noutra qualquer, eu era invisível para aqueles que tinham a marca. Eu não perdera apenas os meus rapazes, perdera os meus amigos também, incluindo Layla, e todos os demais associados à irmandade.

O sacana cumpriu a sua promessa. Tenho estado completamente por minha conta.

Quanto mais tempo passa, mais decido que estou melhor assim. Qualquer comunicação ou associação com quem quer que seja relacionado com Sean e Dominic apenas me daria esperança num futuro que não se concretizará.

No final da primavera, concluí com sucesso os meus dois primeiros semestres da faculdade comunitária com umas notas quase perfeitas e estou agora na última etapa do meu ano de trabalho para o meu pai. Estou a três quartos do caminho de honrar o nosso acordo, apenas me faltando uns meses.

Mais um verão em Triple Falls, e estarei livre de Roman Horner e das minhas obrigações para com ele, e a minha mãe ficará financeiramente estabelecida.

A liberdade está próxima.

Roman não voltou de Charlotte deste o nosso último intercâmbio, e não conto que o faça. Nem um esforço fez além de um *e-mail* semanal. Tal como eu suspeitei, ele nunca viveu aqui. Se alguma coisa, esta casa parece ter sido projetada como um santuário ao seu sucesso.

Pelo final deste verão, já não terei de lidar com a persistente ansiedade de um possível cara a cara. Não só isso, mas terei igualmente uma grande porção da sua fortuna transferida para mim, e os nossos laços serão cortados.

Por estranho que pareça, não tenho qualquer pressa de fugir de Triple Falls.

Afeiçoei-me à vila e à sua gente. Já não me importo com a monotonia dos meus dias de trabalho. Mas agora que o semestre acabou, os meus dias de folga voltaram a ser meus, e preenchê-los tornou-se uma dura tarefa.

Tenho-os vivido avisadamente.

Faço caminhadas, e com frequência. Nunca nos trilhos por que Sean me levava, já não sou masoquista nesse sentido. Mas fiquei mais forte, os meus músculos não gritando já após longas caminhadas nas florestas e por penhascos montanhosos acima. Tenho praticado o meu francês com a minha *app*, determinada a um dia passar os verões no estrangeiro com a ajuda de uma choruda conta bancária. E agora que a temperatura se deixou de frescuras, retomei os banhos de sol, a piscina e a leitura no pátio do Roman.

Permiti-me sonhar com um novo normal, tomando cervejas de última hora com os meus colegas de trabalho e participando nuns quantos eventos familiares de Melinda só para passar o tempo. Estou a esforçar-me por ser uma amiga presente para ela, tal como ela foi para mim.

Mas esta noite apresenta-se-me um novo obstáculo. Após oito meses de doloroso silêncio por parte dos meus dois amores perdidos, acedi a um encontro.

Após um duche a escaldar, pinto os lábios de vermelho cintilante enquanto me recordo de Sean a delinear os escancarados no seu pénis, sufocando a memória dos sons que ele emitia, dos seus grunhidos de prazer, da sua longa exalação quando se veio.

— Tens um encontro. Um encontro, Cecelia. — Fecho os olhos, tolhida por memórias do meu último.

O impercetível sorriso de Dominic vem-me à mente quando vividamente me recordo de lhe delinear a pele musculosa com os dedos do pé nu no assento da frente do seu *Camaro*.

Praguejando, agarro num lenço de papel e limpo o borrão no contorno dos lábios.

— Encontro, Cecelia. Concentra-te no teu encontro. O nome dele é Wesley. E ele é bem-educado, instruído e uma brasa.

Não uma brasa como Sean. Não uma brasa como Dominic. E apesar do meu imenso ódio por ele, homem algum na Terra é uma brasa como O Francês.

E ele que se foda por isso.

Sempre que penso naquele arrogante sacana, ferve-me o sangue nas veias. Posso nunca mais ter a sua atenção, mas recuso-me a deixá-lo ter o poder que já teve sobre mim. Arrebatou-me a felicidade sem pensar duas

vezes, passou o seu julgamento e inumana sentença antes de desandar majestosamente. Há uns meses, teria alinhado em qualquer um dos seus planos só para estar perto deles. Mas o tempo tem estado do meu lado. Curou-me. Reforçou-me e enraiveceu-me.

Desafio-o a cruzar o meu caminho dada a forma como, sozinho, violentamente, nos separou.

Mas Sean e Dominic permitiram-no e — para mim — isso é imperdoável.

Estes rancores guardo eu ciosamente por perto, mantêm-me objetiva, em retrospectiva. Mantêm-me igualmente zangada e ressentida — tudo ferramentas de que preciso para progredir. Um dia, quando não precisar da raiva, perdoar-lhes-ei pela forma como me magoaram, só por mim. Mas não está perto de acontecer.

Abanando a cabeça, concentro-me nos meus olhos, carregando no rímel. O meu estado de espírito não é de todo o adequado a isto, e eu sei-o. Mas preciso deste último passo. Preciso de me abrir ao mundo.

Deixei de esperar por «um dia» em troca de «um dia qualquer» e «outro qualquer».

E pode ser que esse «outro qualquer» seja o Wesley.

O meu telefone vibra com a chegada de uma mensagem no meu tocador, e eu abro o portão a Wesley, optando por não lhe dar o código. Lição aprendida nessa frente.

Cheia de antecipação, desço as escadas num novo vestido cai-cai cingido que a minha dona de loja favorita me ajudou a escolher. Pronta para o que vier, corro os dedos pelo cabelo quando chego à porta.

Só quero rir-me de novo sem a triste pausa de reminiscência no final. Sem me apagar do meu presente, deixando-me ficar no passado. Só quero sentir uma qualquer espécie de proximidade de novo, proximidade que *nada* tenha a ver com os homens que se recusam a sair dos meus sonhos, tal como fizeram da minha vida. Mais que isso, quero ver se sou capaz de sentir um adejar, um pressentimento, qualquer outro sinal de vida que não seja o reconhecer da batida do meu coração.

Só o saber que há uma hipótese será o bastante.

— Por favor — murmuro para quem quer que oiça. — Só um abalo, um sussurro, *alguma coisa* — imploro no preciso momento em que Wesley encosta e sai da carrinha de caixa aberta. É quando os seus olhos castanhos me percorrem e se iluminam antes de me lampejar um sorriso de dentes perfeitos que sei que, para mim, o encontro já acabou.



NADA.

Foi isso que senti. Absolutamente nada. Nem durante o jantar, nem agora que Wesley toma a minha mão na sua enquanto me encaminha de volta para a sua carrinha. Nem um adejar, nem um só grão de antecipação quando ele abre a porta do passageiro e gentilmente me arreda o cabelo do rosto antes de se inclinar.

— Magoaram-te?

— Desculpa. Pensei que estivesse pronta.

— Tudo bem. Simplesmente... senti que não estavas realmente comigo enquanto falava ao jantar, e não consegui calar a matraca.

— Não és tu... — Encolho-me e percebo que ter-lhe dado um tiro teria sido mais piedoso pela alteração na sua expressão.

Ele tem a graciosidade de soltar uma gargalhadinha. — Au.

Dá-me vontade de rastejar para baixo da carrinha. Em vez disso, ele ajuda-me a subir para a cabina e inclina-se para mim. — Tudo bem, Cecelia, já passei por isso.

Fito-o, cravejada de culpa. — Pagarei a minha parte do jantar.

— Até que ponto pretendes insultar-me esta noite? E com que espécie de cretinos tens andado a sair?

*Inesquecíveis cretinos com uma salada de filhos da mãe.*

— Não te censuraria neste ponto se me fizesses apanhar um táxi para casa.

— És dolorosamente honesta, mas gosto disso. — Morde o lábio, erguendo os olhos para os meus. — Dolorosamente bonita, também. Simplesmente ficarei lisonjeado por ter sido a tua primeira tentativa. E pode ser — encolhe os ombros — que possamos tentar de novo noutra altura.

— Gostaria de o fazer.

Ambos sabemos que é uma mentira, mas deixa-me mais confortável enquanto prendo o cinto e ele dá a volta para o seu lado. Segue-se um silêncio quando ele se junta a mim, remexendo em vão no rádio na viagem de volta. Sinto-me grata quando ele finalmente fala. — Então, foi alguém destas bandas?

— Não. Apenas um cretino com quem andei na Geórgia. — As mentiras estão a ficar mais fáceis de pregar. Mas a verdade não é uma opção.

Wesley deixa-me à porta de casa com um abraço amigável e um convite

para lhe ligar quando estiver pronta. Quando arranca, amaldiçoo o meu fiel coração e bato com a porta, exasperada comigo mesma.

Desanimada, arrasto-me escada acima para o meu quarto. Deslizando das sandálias, tiro o telemóvel da mala e mando uma mensagem a Christy.

Projeto Continuar Em Frente foi um completo fracasso.

Christy: Não desistas, querida. Quem quer que seja será um curativo neste momento, seja como for.

Ainda não estou pronta.

Christy: Então não estás pronta. Não te apresses. Lá chegarás.

O que se passa por aí esta noite?

Christy: Netflix e curte. Emoji de piscadela. Conto-te tudo amanhã.

Avante, miúda. E é bom que o faças. Adoro-te. Noite. X

Decido fazer as pazes com o meu progresso. Saí num encontro, bem-sucedido ou não. É um começo.

Depois de pôr o telemóvel a carregar na mesa de cabeceira, arredo as cobertas para trás, sento-me na beira da cama e passo os pés pela tapete de pelúcia.

Tentar viver uma vida «normal» após duas relações de alta voltagem é exaustivo. Tantos meses depois, ainda sinto a falta das noites caóticas, do mistério, da antecipação, da conexão e do sexo. Deus, o sexo.

Dei tempo bastante a mim própria para fazer o luto. Se ao menos o meu coração andasse a par da cabeça, estaria tão melhor. Passo os dedos pelos lábios intocados e decido optar por um duche matinal para remover a maquilhagem. Tirando as almofadas decorativas da cama, vou para me instalar com um novo livro e quedo-me petrificada ao ver o pendente de metal à minha espera sobre a minha almofada.

Fechando os dedos sobre ele, trago-o ao nível dos olhos, sem crer no seu peso e no que significa antes de sair disparada da cama. O meu coração desata a bater enquanto vasculho o quarto.

— Sean? Dominic?

Entro na casa de banho. Vazia.

Na varanda. Vazia.

Desesperadamente, revisto a casa só para dar com todas as portas trancadas.

Não que isso os pudesse deter, nunca o fez. A prova jaz na minha mão.

Com esperanças crescentes, prendo o fecho à volta do pescoço e corro disparada para a porta das traseiras. Tirando as galochas do bengaleiro, enfio-as à pressa e saco da lanterna de bolso do impermeável. Segundos depois, varro o pátio com o débil feixe da lanterna.

— Sean? Dominic?

Nada.

Vou direita à floresta, passo pelo campo de futebol de relva cortada de fresco, o metal morno no meu pescoço dando-me o primeiro laivo de esperança por entre os destroços. Quase corro já quando finalmente alcanço a pequena colina que conduz às árvores e à clareira.

A visão que lá me acolhe tira-me o fôlego. Ervas altas balançam diante de mim, atulhadas da luz amarela-esverdeada de centenas de pirilampos. Esvoaçam do mato para os ramos espessos, reluzindo como diamantes lá no alto antes de desaparecerem no fulgor da lua cheia.

— Sean? — Vasculho cada recanto da clareira, varrendo cada sombra nas árvores com a lanterna. — Dominic? — chamo baixinho, rezando para que um ou os dois estejam à minha espera. — Estou aqui — anuncio, vasculhando a escuridão da floresta por algum sinal de vida, a luz na minha mão pouco fazendo para me ajudar. — Estou aqui — digo, sentindo com os dedos o recorte do colar.

— Estou aqui — repito em vão, para ninguém.

Não está aqui ninguém além de mim.

Por demais confundida, giro em estonteantes círculos, procurando, esperando, rezando por qualquer sinal de vida, de balde.

Toda a esperança que senti apenas há uns minutos dispersa-se com o vento, restolhando através dos altos e cintilantes pinheiros acima de mim. Mas não fico a cismar na dor. Em vez disso, espalmo a mão no peito e observo a sinfonia de luz que se desenrola tanto lá em cima como junto às minhas botas, a sua melodia silenciosa, mas cativante. Extasiada pela Lua e pelo espetáculo de luzes, sinto com os dedos a asa de corvo entre o polegar e o indicador.

Um deles ou ambos reivindicaram-me como sua.

*Alguém* pôs o colar sobre a minha almofada.

Chamo por eles uma vez mais.

— Sean? Dominic? — O ar parece aquietar-se à minha volta quando um indício de presença se faz sentir, com *força*. Empertigo-me quando uma voz profunda velada de sotaque francês soa a uns passos de distância.

— Lamento desapontar-te.

## Capítulo

# QUATRO



ELE EMERGE DAS SOMBRAS do cerrado arvoredo à minha esquerda. Recuo, acendendo a lanterna e apontando-a para ele.

— O que quer?

— Quero? De ti, *nada*. — O desdém destila-lhe da voz quando aparece à vista.

Com a ajuda da minha lanterna de bolso, posso ver-lhe claramente o rosto, nem uma só sombra lhe toldando os planos suaves, o nariz forte, ou o corte anguloso do maxilar. Que pena eu odiá-lo, ou poderia apreciar a beleza da sua máscara. Apago a lanterna, desejando que as sombras o engulam, mas, mesmo na escuridão, ele cintila de beleza masculina sob o brilho da Lua e entre os insetos de contos de fadas que nos rodeiam. Está mais ou menos vestido como quando o conheci, tirando o casaco e a fina gravata preta. Parece completamente descabido com camisa, calças e sapatos polidos.

— O que está a fazer aqui? Vestido dessa maneira?

— Eu poderia perguntar-te o mesmo.

Ainda estou vestida como fui ao meu encontro, tirando as galochas às bolinhas, com maquilhagem e penteado caprichados. Igualmente demasiado bem vestida para um passeio noturno pela floresta. — Eu vivo aqui.

— Não vives, não.

— Semântica. E estes já não são terrenos que pise.

— Eu piso onde quer que me dê na porra da gana. — Os seus olhos estão cheios da mesma flamejante crueldade que recordo do nosso embate no ano passado. A sua voz igualmente cerrada de condescendência e rancor. E

por mais fácil que fosse pôr-me a andar, quero que ele saiba que me decidi quanto a ele, tal como ele se decidiu relativamente a mim.

— Você é repulsivo. Esse seu ar. — Levanto a palma da mão e aceno com ela. — Como se tivesse algum direito a agir desta maneira, a tratar-me de seja que maneira for que queira.

— Isto vai ser algum discurso «faz aos outros»? Porque garanto que já me fodeste o suficiente só por existires.

— Você é ridículo, e de todo merecedor de uma conversa.

— Esqueces-te com quem estás a falar.

— Iá, bem, pode meter a pila para dentro, seu cretino. Isto não é nenhum concurso de mijo.

— Tens uma boca nojenta.

— Você é um arrogante e um sacana, e a minha boca e maneiras pertencem a seres humanos civilizados, não a sociopatas mimados com zero compaixão.

Ele eleva-se agora bem acima de mim, a sua fragrância invasiva. Bate tanto Sean como Dominic nuns valentes centímetros. O seu porte é monstruoso, ameaçador, como se tivesse passado diretamente de bebé para homem, sem fases intermédias.

— És uma menina com uma boca porca. E se eu não sou merecedor de uma conversa, então porque estás ainda a mandar vir comigo?

— Bem visto. Vá-se foder. — Afasto-me dele precisamente quando a sua mão se estende e me agarra o pulso como um torno. Debato-me contra ele, mas os seus olhos não estão em mim, foram direitos à asa de corvo que me pende do pescoço.

— O que é isto?

Não posso evitar sorrir. — Acho que sabe muito bem o que *isto* é.

— Quem te deu isto?

— Não é da sua conta. Largue-me.

Ele puxa-me com um safanão e eu largo a lanterna, agarrando-me à mão que me prende a ele, ao mesmo tempo que a sua outra se estende para o colar no meu pescoço. Quando vejo a sua intenção, torno-me uma fera. A minha palma livre atinge-lhe a face, ardendo até mais não quando recuo para o esbofetear com mais força. — É que nem se atreva!

Não estou à altura do brutamontes quando ele me puxa de rompante contra ele, sacudindo-me como uma boneca de trapos, chocalhando-me, antes de me atirar para a relva e se escarranchar em cima de mim.

— SAIA DE CIMA DE MIM! — guincho a plenos pulmões, lutando

com ele, cravando-lhe as unhas na camisa, incapaz de lhe chegar à pele. Ele facilmente me domina como se estivesse a enxotar um mosquito enquanto me prende os pulsos contra a relva fresca.

Pairando acima de mim, os seus olhos fundem-se de fúria. — Diz-me já quem é que te deu isto.

Cuspo-lhe para cima e congratulo-me por lhe ter acertado no queixo. Ele agarra-me, desenvolto, os pulsos com uma mão, encostando-os com força ao chão antes de limpar a saliva no ombro da camisa. É então que vejo o lampejo de dentes e constato que o sacana está... a sorrir de uma forma que me deixa nauseada.

— Já acabei com vidas por menos.

— Não me assusta. Não passa de um corpo enorme e de uma cabeça vazia.

A sua sombria risada faz-me correr um arrepio pela espinha abaixo. — Tu ainda nem sequer sabes que estás molhada. — O seu acalorado sussurro faz disparar novas campainhas de aviso. — Talvez eu devesse ter esperado até que tu o tivesses descoberto, até que deslizasses as cuecas para baixo e agonizasses à conta disso.

— Vá-se foder.

Ele inclina-se, a apimentada fragrância de cítricos e couro enchendo-me o nariz. — Tens-te sentido só, Cecelia?

— Saia de cima de mim. — Debato-me contra ele, recorrendo, em vão, a todas as minhas forças.

— Acabou o recreio. Quem é que te deu o colar?

— Se soubesse, não lhe diria.

*Merda. Merda. Merda.*

— Não sabes. — Os seus lábios cheios distendem-se num enfurecedor sorriso afetado. — Isto é épico. Não sabes qual deles.

Ele inclina-se, a sua voz cheia de outra maldita promessa. — Certificar-me-ei de que *nunca* saberás. — Agarra no colar enquanto eu luto com quantas forças me restam.

— Não, não! Por favor, não! — imploro, arranhando-lhe a mão quando o fecho de metal se me crava na nuca mesmo antes de ceder e partir-se. Enraivecida, grito pela perda. Lágrimas cheias de fúria assomam-me aos olhos enquanto ele, de uma penada, me dilacera. — Porquê? Porquê? Isso era meu. Ele ama-me!

— Quem... *quem* é que te ama, Cecelia?

— É para mim, para minha proteção! É a minha promessa!

— De quem precisas tu de proteção?

*De ti.*

Mas não ousou dizê-lo. Não importa se lhe dou o poder de me aterrorizar ou não; ele não é homem de pedir permissão.

— Estas são as suas leis! Você não pode lixá-las. Ele escolheu-me!

— És patética. — Larga-me e põe-se em pé com o colar partido, perscrutando-me. — Pensas que um penduricalho te pode proteger? Isto não significa nada.

— Significa para mim!

— És uma rapariguinha com uma paixoneta.

— Sou uma *mulher* de vinte anos, seu sacana ignorante. — Levanto-me para o enfrentar apesar do tremor nas pernas. — E pertenço-lhe.

— Porque ele assim o diz? Não tens voto na matéria. Estás pervertida. E não, coração, não pertences. Ele é meu irmão.

— Seu irmão, o tanas. Ele é apenas um miúdo com quem construiu um forte antes de chegar à puberdade. Você está, o quê... a raiar os trinta? E ainda anda por aí a esfacelar dragões imaginários enquanto se diverte com o *Lord of the Manor*.

— Acredita no que quiseres, mas já viste do que somos capazes.

— Pequenos furtos e organização de festas? Não é grande proeza. — Estou a mentir com quantos dentes tenho na boca, mas não quero que ele saiba até que ponto realmente eu sei. — E eu *sei* a quem pertenço.

Ele inclina-se de modo a ficarmos olhos nos olhos. — Tens a certeza?

— Amo-o.

— Diz o *nome* dele.

— Não importa...

— Iá, iá, ama-los aos dois. Já ouvi esse discurso, poupa o fôlego.

— Há de pagar por me magoar assim.

— Achas, há? — Olha à sua volta. — E quem exatamente é que te vem salvar? — Sinto o peso da verdade bem dentro de mim. Ele tem razão. Nenhum deles está aqui para me salvar deste sacana louco. Mas ensinaram-me bem a proteger-me.

Como se me estivesse a ler os pensamentos, ele baixa a voz, a sua ameaça clara. — Asseguro-te que já me safei com muito pior. — O enrolar do seu sotaque francês, combinado com a sua franca hostilidade, de alguma forma torna a sua ameaça mais perigosa. Mas eu não recuo, deixei o meu ódio supurar ao longo de meses, e estou mais que pronta para lhe dar vazão.

— Porque está tão zangado, senhor? Interrompi-o a matar e a torturar

animaizinhos? É sexta-feira à noite e não tem nada melhor que fazer do que andar à espreita de *rapariguinhas* com paixonetas? Quem é patético?

Reúno forças, endireitando a postura, a minha raiva fervilhando. — Você nada mais é que um rapazinho assustado que se tornou um maníaco do controlo por não ter tido atenção suficiente em criança.

Num segundo, estou de pé, no segundo seguinte, sou derrubada e deitada de costas no chão. O coração para-me de bater e é-me tirado o fôlego quando a minha boca é brutalizada por algo semelhante a um beijo. Ele considera cada centímetro meu ao atacar-me os lábios, separando-os com o arremessar da sua língua. Petrificada, de olhos arregalados, a sua língua invade, e eu engasgo-me sufocada. Plenamente no controlo, ele mantém o meu beijo antes de os roubar a todos, apagando o último beijo que Sean me deu, e o imediatamente anterior, apagando o tortuoso jogo de língua de Dominic. E eu luto, luto agarrando-me a esses beijos com tudo o que tenho dentro de mim à medida que eles me escorrem por entre os dedos agitados das mãos, e para fora do meu alcance. A perda e o ódio alimentam-me enquanto tento virar a cabeça e negá-lo, coisa que ele torna impossível.

Com cada punhalada da sua língua, ele saqueia, colhendo-me inteira, e com o golpe de língua seguinte, torna-me cativa. De uma só vez, sou atirada para um fogo abrasador. O calor consumindo-me as muralhas até desmoronarem, o fumo toldando-me, deitada impotente debaixo dele, submergida de chamas azuis.

É num esquecimento carnal que me afundo ao perder a batalha para recuperar o fôlego. Os seus tortuosos golpes de língua são implacáveis à medida que ele se alimenta impietosamente da minha boca. Uma lamúria escapa-se-me dos lábios enquanto ele me consome, um assolador inferno até finalmente se extinguir.

Até eu me extinguir.

E renascer com um violento beijo.

Um beijo que me insufla vida de volta, uma vida que murchou para o nada durante meses de abandono e isolamento. Debaixo dele, o meu traiçoeiro corpo trai-me com a inegável alteração de intensidade, a fome começando suave, desenrolando-se através dos meus membros. A minha língua vai ao encontro da dele, num perverso duelo, igualmente implacável enquanto fodo o meu inimigo com a boca, as coxas abrindo-se-me quando ele se ajeita e vira a sua ereção contra o meu corpo voraz.

O ultraje e a lascívia combinados fazem-me agora lutar por uma razão completamente diferente, agarrando-o, arranhando-o, para o puxar para

mais perto, perfurando-lhe o couro cabeludo com as unhas quando desvio a cabeça para lhe dar acesso.

Lutando ainda por alento, roubo o seu, as nossas línguas travando uma batalha enquanto ele me lambe boca adentro com domínio e abandono.

Uma lascívia insaciável avassala-me e sou arrastada para a sombria contracorrente que me permite afundar-me lá dentro. Encurralada, alimento-me dentro da vaga bebendo uma nova espécie de ar, renovada com uma boca ávida, o meu corpo dilatando, abrindo-se, acolhedor. Prendo as pernas em torno dos seus quadris quando ele desliza o pénis ao longo da minha entrada. O fino tecido entre nós pouco fazendo para me escudar do contacto direto. De costas arqueadas, toda eu pulso. Os meus seios crescem pesados, e os mamilos retesam-se. Com o clítoris a latejar, aperto-o contra mim enquanto ele me esmaga e conquista, o seu toque destituído de qualquer ternura. Mas tudo bem por mim, pois sei que um simples laivo dela me arruinaria.

Mortificada pelo pensamento, arranco bruscamente os lábios e fito-o, boquiaberta.

— P-pare — gaguejo, aterrorizada. Ele ignora as minhas palavras inúteis enquanto eu de novo tento lutar contra a lascívia que me está a destruir. Ele enxota as minhas mãos agitadas e mergulha a cabeça, mordendo-me o pescoço, e depois o ombro antes de me tomar o seio inteiro na boca, encharcando o fino algodão por baixo. O meu mamilo faz-se um pico empedernido quando ele afasta a cabeça, apenas dando tempo suficiente para baixar o tecido com mãos brutas, puxando-me o *soutien* para baixo de modo que os meus seios se retesam para cima numa oferta. Ele mergulha e chupa um para dentro da boca antes de eu sentir a mordida quando ele lhe crava um dente afiado.

Um sopro mais tarde, a parte de baixo do meu vestido é levantada e os seus dedos cravam-se-me dolorosamente na coxa enquanto eu faço por lhe desapertar o cinto. É o tilintar de uma fivela que me deixa petrificada, e no segundo seguinte sou abruptamente libertada. Boquiaberta, recuo, empurrando-me para trás, ainda sentada, com o seu olhar predador seguindo-me. Estou certa de que o horror do ato que acabei de cometer me está escrito por todo o rosto. Com o peito arfando, seios desnudados, abano furiosamente a cabeça quando ele facilmente me puxa à bruta pelas botas, de volta para debaixo dele. Mergulha e beija-me de novo, a sua língua revestida de metal, sondando, explorando cada recanto que jamais lhe deveria ser permitido alcançar, inclusive os intocados. Quando arranca a boca de chofre,

encaramo-nos, a nossa respiração entrecortada sendo o único som entre nós.

— Tu n'y connais rien à la fidélité. — *Tu nada sabes de fidelidade.*

Incapaz de interpretar plenamente, sei que seja que veneno for que cospe é insultuoso. Faço menção de o esbofetear, e ele apanha-me a mão, mordendo-me a carne da palma. Não consigo suster uma lamúria quando ele de novo arremessa a sua ereção dura como pedra contra mim, a sensação do seu volume contra o meu clítoris encharcado levando-me ao limite. Com mais um arremessar dos seus quadris, vacilo no limiar do orgasmo. — Tu ne peux pas échapper à la vérité. Tu me veux. — *Não podes escapar à verdade. Queres-me.*

Puxa-me para que me ajoelhe e faz o mesmo antes de me agarrar nas mãos, prendendo-me os dedos no cóis das suas calças. Arquejando como se tivéssemos acabado de correr uma maratona, olho-o fulgurante e ele eleva as sobrancelhas espessas em desafio. — És tu a jogar.

Arranco as mãos à bruta e ele solta uma sombria risada. — Pergunto-me como se sentiriam os teus *namorados* se soubessem que me beijaste de volta.

Beijei. Beijei-o de volta e mais. Muito mais do que isso.

Eu queria-o.

Copos alguns a que deitar as culpas, bode-expiatório algum.

Por dentro, murcho e morro. Por fora, ajoelho-me numa poça de ruína quando ele me desfere um sorriso afetado.

— Eles odiar-te-ão.

— Ai é? Diz-me, Cecelia, onde estão eles?

Aperta o cinto antes de se pôr em pé, deixando-me ajoelhada diante dele. — Poderia ter-te fodido, e tu sabe-lo. Não consegues ser leal nem àqueles que proclamas *amar*. — A sua cadência estrangeira transforma a palavra em algo pútrido, o oposto completo do seu significado. É então que baixa o colar ao nível dos olhos, pendendo-lhe dos dedos, perversamente provocador. — Ainda achas que mereces a tua declaração, a devoção *dele*?

O meu queixo dá de si, os meus lábios dolorosamente dilatados, enquanto tento abarcar tudo o que acabou de acontecer. — Odeio-o.

— Estou-me a lixar.

— Por favor. — Desvio os olhos do colar na sua mão numa tentativa de me endireitar, e ao meu vestido, buscando a dignidade que ele roubou. — Deixe-me simplesmente em paz.

Não consigo suster-lhe o olhar. Ele sabe que ganhou. E eu não estou certa de que tivesse sido suficientemente forte para manter a minha virtude

a salvo para com qualquer um dos homens a quem jurei o meu coração, a minha lealdade. Durante perto de um ano, estive-lhes comprometida. Honrei as nossas memórias, permaneci fiel sem qualquer inclinação de que o meu afeto fosse retribuído, até esta noite, até ver aquele colar. E numa questão de minutos, tudo arruinei.

Arruinei-o beijando um monstro espreitando nas sombras e deixando-o alimentar-se de mim, da minha fraqueza.

E participei.

Que diabo se passa comigo?

Serei eu aquilo de que ele me acusa? Serei eu simplesmente uma rapariga estúpida com uma paixoneta por dois homens com quem se divertiu no verão passado? Há dez minutos, teria dito que isso era impossível e falando com toda a minha convicção.

Agora?

Não.

Não, não o posso deixar ganhar. Ele está a fazer de mim um brinquete, e eu não deixarei que ele descarte o que sinto para levar a cabo um qualquer doentio jogo mental. Sei melhor que isso. Ensinaram-me melhor que isso.

— É uma pena que o teu encontro não tenha corrido bem, mas irás ter de descobrir outra pessoa com quem brincar, Cecelia.

Não me digno a perguntar-lhe como teve conhecimento de tal informação, e é claro que ele está a par de qualquer segredo, incluindo os meus. A sua invasão da minha privacidade apenas prova que não confia de todo em mim.

Tem-me andado a vigiar. *De perto*. E eu fui uma tola ao pensar o contrário.

É igualmente uma clara indicação de que ainda me vê como uma ameaça.

Com presença de espírito, ponho-me em pé e transponho o espaço entre nós. O meu ímpeto de lutar é avassalador, e, portanto, pela primeira vez em meses, dou plenamente largas ao meu diabo. Baixo o olhar para a protuberância entre as suas coxas.

— Ainda está duro.

Os seus olhos âmbar lampejam num aviso. — Não significa nada.

— Você queria-me em igual medida. *Ainda quer*. Se eu sou uma rapariga assim tão estúpida e tonta, porque é que está tão ansioso por tomar o lugar dos seus *irmãos* na minha cama?

— Estava a provar uma coisa.

— Diga isso à sua pila. — Espalmo a mão no seu peito e deslizo-lha pelo tonificado abdómen abaixo. Ele não se retrai, mas também não se move. Tomando-o na mão, registo a largura, a amplitão, e controlo as feições para não reagirem. Ele ter-me-ia dilacerado em duas se me tivesse tomado tão à bruta como me beijou.

Aperto-o com mais força e oiço o ar a escapar-se-lhe do peito. Uma diminuta vitória que não me digno celebrar.

— Antes de ir — afago-o à bruta com uma mão, deslizando-lhe a outra pelo traseiro —, pelo menos tenha a decência de me dar a saber o nome do meu inimigo.

Ele não se digna a dar qualquer resposta antes de se libertar de mim com um passo atrás. Balança o cordão solto do colar sobre a palma da sua mão antes de o meter no bolso.

— Tanto me dá. Estou certa de que me divertirei como o caraças a descobrir. — Os olhos dele semicerram-se, todo ele destilando supremacia.

— Faz o teu pior — provoca ele, por demais confortável com o que acredita ser a sua vantagem.

E é então que me afasto e deixo cair o objeto de couro entre nós. Ele lampeja a sua atenção para baixo, e eu regozijo-me com o brilho de surpresa dos seus olhos arregalados para a carteira na relva. Correndo disparada para fora do seu alcance, apanho a minha lanterna onde a deixei cair, erguendo a sua identificação à vista.

— O Jeremy ensinou-me este truque. — Sorrio pretensiosamente enquanto a examino. — Sedu-los pela frente enquanto os fodes por trás. Eu sou boa aluna, Ezekiel Tobias...

Não. Não. Não. Não!

— *King* — diz ele, a vitória de novo sua enquanto me arrebatava a lanterna da mão antes de me arrancar a identificação dos dedos. — Tobias King. *Irmão* do Dominic.

A verdade apunhala-me como uma lâmina romba.

— Não é... ele ter-me-ia...

— Dito? Não, não teria. E agora é a *tua cruz* para também carregares. Por isso, se fosse a ti, não divulgaria a porra dessa informação a ninguém.

— Eu não sei nada.

— O Sean contou-te muita coisa.

Rezando a Deus para não me ter retraído com as suas palavras, atiro os ombros para trás. — Não sei do que está a falar.

— Oh, não sabes? Foi por isso que indagaste sobre a segurança do teu

pai na nossa primeira conversa? Mentires-me não ajuda a tua causa. Mas praticamente toda a porcaria que ele te contou é do conhecimento geral nesta terra.

Sean contou-me igualmente que o meu pai era o inimigo número um, o que me levou à teoria de que o meu pai é muito provavelmente a razão por detrás da irmandade.

*Pensa nisso como uma promessa.*

Uma promessa. Uma promessa entre dois jovens órfãos e os seus amigos de se vingarem precisamente na altura certa. Dominic contou-me que tinha quase seis anos quando eles morreram. Tobias não é muito mais velho. Sean dissera que eles tinham sido pacientes. Porque tiveram de ser, tiveram de crescer primeiro, instruírem-se, formarem um exército.

— Mas não se parecem... — Não há grande semelhança à parte o cabelo e a cor da pele. Enquanto Dominic tem feições esguias, Tobias é todo ele linhas duras e planos largos. Presumi que fossem de alguma forma relacionados devido à ligação francesa, mas nunca irmãos. Sean confessara na fábrica que a mãe de Dominic tinha fugido ao ex-marido.

— Vocês são meios-irmãos.

Ele enfia a identificação de volta na carteira, ignorando a minha questão.

— Estou certa, não estou? Têm a mesma mãe.

— Não interessa porra nenhuma, ele é uma fraqueza. — A sua voz é letal quando fala, o aviso claro. — E para ti também, portanto, se falas a sério, não dizes uma palavra a ninguém.

Qualquer pessoa rancorosa poderia usar Dominic para atingir Tobias.

— *Ninguém* sabe? Acho isso difícil de acreditar. Você cresceu aqui.

Ele tem idade suficiente para ter deixado Triple Falls há anos. E não estava por perto. Se assim fosse, não teria levado tanto tempo a saber de mim.

— Não estive aqui nos Estados Unidos. Não estive por perto. Estive em França?

Ele permanece mudo, confirmando as minhas suspeitas.

— Essa fotografia não era sua, é o seu pai, sim? — Ele nem sequer usa uma fotografia a valer numa identificação emitida pelo governo? Ou a identificação é falsa? Esta merda é coisa de um romance de espões, não da vida real.

— Portanto, partilham a mesma mãe? Mas ficou com o apelido do pai do Dominic? Porquê?

Mais silêncio. Mas se a mãe dele fugiu de França devido ao pai *dele*...

— Aposto que o seu pai ainda é um monstro pior que você.

— Tento aí — respinga ele. Toquei num nervo, num nervo e tanto.

— Então, esteve em França o tempo todo? A fazer o quê? — Passo as mãos pelo cabelo. — Jesus. Até onde vai isto?

— Não queiras saber. — Endireita a cabeça. — Não estamos num jogo com armas de brincar, vidas extra e dinheiro do Monopólio. Deixámos o forte e incendiámos qualquer vestígio da sua existência há muito tempo, Cecelia.

Faz tudo sentido. Ele permaneceu destituído de rosto numa organização destituída de rosto e de nome porque ele é o homem dos bastidores. Estou certa disso.

E para reinar, se é que ele é o cérebro, então há definitivamente uma hierarquia. Nesse caso, Sean é o equivalente a um soldado raso, e Dominic é simultaneamente cérebro e — pelo seu comportamento — braço-direito.

Mas Tobias é o demónio que se conhece apenas depois de se ter feito merda sem ponto de retorno.

Há uma alteração no seu tom de voz, e é grave. Levo-a à letra. Isto vai muito mais longe do que seja o que for que eu possa ter imaginado.

E eu não quero fazer parte disso. Já não. Não sem eles.

Perdi metade da cabeça só à conta do desgosto amoroso.

— Eu não posso pagar pelos erros do meu pai. Já é suficientemente difícil ser sua filha. Mas lamento, *okay*? Lamento pelos seus pais. E por que papel fosse que o Roman teve. Não me compete pedir desculpas, mas também não me compete *pagar por isso*. A sua guerra é com ele.

Suspiro, os meus membros esgotados da luta. — Eu estou aqui pela minha mãe. Estou aqui para assegurar que ela terá todos os cuidados e que de nada virá a precisar. Ela está doente. Tenho a certeza de que o Sean lhe contou isso. — Fecho os olhos brevemente. — Ou talvez não o tenha feito, mas esse é o meu propósito aqui, a razão de eu ainda aqui estar. Ela é a minha prioridade, e não posso imaginar perdê-la. Por isso, lamento o que aconteceu. Mas, pela última vez, não sou sua inimiga.

Com a pele a arder da sua dentada, o corpo dilatado de desejo, abano a cabeça exasperada.

— Sei que se está a cagar para mim pois acabou de me arrancar do pescoço qualquer segurança que lhe fosse dado assegurar. Jesus, que coisa mais fodida. — Dirijo-me para o limite da clareira, determinada a manter o que resta da minha sanidade. — Estou farta, *okay*? Estou farta. Simplesmente,

mantenha-se bem longe de mim. — Recompondo-me, viro-me na direção de casa.

— Tu estás a salvo. — As palavras dele detêm a minha retirada e envolvem-me como um bálsamo. Viro-me e dou com ele postado perto de mim como se me tivesse seguido silenciosamente.

— Já, bem, terá de me perdoar se não acreditar em si. O reino é todo seu. No final do verão já não estarei aqui.

— Assegurar-me-ei disso.

Por demais exausta, deixo-o ter a última palavra. Sinto o seu olhar fixo em mim durante toda a caminhada de volta para casa.